Exmo. Senhor Presidente do CDS-PP,
Dr. Nuno Melo,

Filiei-me na Juventude Popular em 2007 e quatro anos depois no CDS. Quase vinte anos volvidos, tomei, em consciência, a decisão de me desfiliar do partido.

Tive o privilégio de presidir a ambas as organizações e, por isso, creio dever apresentar aos seus militantes, com quem partilhei uma parte tão importante da minha vida, as razões desta decisão.

Filiei-me por convicção, por acreditar na democracia-cristã e isso nunca mudou.

A democracia-cristã é uma família política suficientemente ampla para acolher sensibilidades do centro-esquerda ao centro-direita. Na sua tradição doutrinária conviveram desde sempre interpretações mais conservadoras e liberais, que privilegiam a liberdade, a iniciativa privada e o crescimento económico como instrumentos de progresso social; e outras mais preocupadas com a igualdade, a justiça social e a redistribuição da riqueza. Todas partilham uma concepção humanista da sociedade, assente na dignidade da pessoa, na liberdade, na solidariedade e no bem comum.

Durante uma parte considerável da minha vida adulta, perante sucessivos governos de esquerda, entendi que era minha obrigação defender os valores do centro-direita democrático que considerava subvalorizados: a liberdade económica e a iniciativa privada; o mérito e a responsabilidade individual; a liberdade de escolha das famílias na educação e na saúde; a valorização da cultura e das tradições portuguesas; e a autonomia da pessoa e da sociedade civil perante o Estado.

Foi com estas convicções que assumi a presidência do CDS, procurando situá-lo num espaço de moderação, responsabilidade e sensibilidade social. Com uma ética conservadora, capaz de promover as necessárias mudanças, mas evitando as rupturas. Quando invoquei os qualificativos de “direita social” e “direita certa”, quis afirmar um centro-direita de valores democráticos e humanistas, particularmente atento aos mais vulneráveis. Procurei defender – por oposição às novas direitas ultraliberais, populistas, e radicais que, entretanto, se instalavam no xadrez partidário – a iniciativa privada sem desprezar a solidariedade e a liberdade económica sem esquecer a justiça social.

Entretanto, o país mudou, e eu também fui amadurecendo a minha leitura da sociedade. Nos últimos anos, livre das responsabilidades partidárias, pude estudar, conhecer outras realidades e olhar o mundo com maior liberdade e empatia. A experiência confirmou algumas das minhas convicções, levou-me a reconsiderar outras e ensinou-me a compreender melhor os princípios em que acredito. A verdadeira coerência está em, mantendo os mesmos valores, saber evoluir nas ideias, alterando as respostas quando a realidade nos convoca para questões diferentes

Hoje, vejo o debate político progressivamente deslocado para a margem direita, sob a influência crescente de discursos identitários, de uma retórica radicalizada e de correntes ultraconservadoras e libertárias, frequentemente acompanhadas de uma inquietante insensibilidade social. Constato uma acção política que se habituou a classificar as pessoas antes de as compreender, a apontar inimigos, a alimentar ressentimentos, em vez de resolver os problemas e a tratar o Estado social europeu como um obstáculo, quando ele é uma das maiores conquistas da nossa civilização.

O CDS, a meu ver, acompanhou esse movimento, trilhando, precisamente, o caminho inverso do que eu procurei fazer durante a minha presidência. O centro-direita moderado, social e humanista que procurei defender, enquanto o liderei, foi perdendo espaço para uma orientação política que não me sinto capaz de subscrever.

Perante esta realidade, enquanto democrata-cristão, o meu dever é dar maior atenção à justiça social, à igualdade de oportunidades, à criação e distribuição da riqueza e ao combate às desigualdades. Acredito na liberdade económica, considero excessiva a carga fiscal que pesa sobre as famílias e as empresas e julgo que sem liberdade para empreender, investir e criar emprego, dificilmente haverá riqueza que sustente o progresso social. Mas também não me basta uma economia que cresça sem melhorar a vida de quem trabalha e continua pobre, de quem não consegue pagar uma casa ou de quem nasce com muito menos oportunidades do que os outros. Uma economia sem rosto humano pode produzir crescimento, mas a sociedade, nem por isso, passa verdadeiramente a viver melhor.

Julgo que é por isso que é mais acertado hoje definir-me como um centrista. Não confundo o centro com a ausência de convicções, nem acredito que a razão se encontre sempre a meio caminho entre a esquerda e a direita. O centrismo em que me revejo tem princípios, uma concepção humanista da sociedade e a preocupação de encontrar

a justa medida entre valores que importa conciliar, como a liberdade e a justiça social, a iniciativa individual e a solidariedade.

Creio que Portugal precisa hoje, talvez mais do que nunca, de recuperar esse sentido de equilíbrio e de entendimento, indispensável às grandes reformas que o país continua a adiar. Algumas soluções estarão mais próximas da esquerda, outras da direita, e outras exigirão caminhos próprios, construídos a partir do que ambas têm de melhor. É nessa liberdade de pensamento, na capacidade de aproximar posições diferentes e na procura de respostas que coloquem as pessoas acima das trincheiras partidárias, que encontro os fundamentos do centrismo que defendo.

Olhando para o meu percurso, identifico uma preocupação constante com a procura de equilíbrio. Quando entendi que Portugal estava demasiado inclinado para a esquerda, procurei afirmar os valores da direita democrática para o aproximar do centro. Hoje, perante uma deslocação que considero excessiva para a direita, sinto a necessidade de olhar com mais cuidado para valores tradicionalmente associados ao centro-esquerda democrático. Não vejo nisto qualquer contradição. A coerência não consiste em permanecer imóvel enquanto tudo à nossa volta muda. A coerência obriga-nos a saber o que queremos preservar e a lutar pelo que queremos mudar, de modo a garantir a coesão social em democracia.

Continuo a reconhecer-me na tradição humanista da democracia-cristã europeia e defendo um centro reformista, socialmente responsável e avesso à radicalização. Tenho, porém, sérias reservas quanto à vontade do CDS de ocupar esse espaço político. Compreendo o caminho que o partido escolheu, mas não tenho dúvidas sobre o lugar em que eu próprio me encontro, nem de que esse lugar deixou de ser compatível com a minha filiação no CDS.

O partido fez, legitimamente, as suas escolhas. Eu fiz as minhas. Respeito quem continua a reconhecer-se no caminho do partido, tal como espero respeito pelas razões que me levam a seguir outro. Podemos discordar sem pôr em causa a autenticidade e a boa-fé de ninguém, e sem permitir que as divergências políticas se sobreponham à consideração individual e institucional que nos merecemos. De resto, pelo meu lado, depois de quase vinte anos de caminho comum, seria uma contradição despedir-me em nome da tolerância sem a saber praticar com aqueles de quem me despeço.

Saio com a gratidão de quem recebeu muito, com a consciência das responsabilidades que assumiu e com a boa memória de tantas pessoas com quem partilhei convicções, dificuldades, alegrias e amizades que espero conservar. A estima que tenho por aqueles que permanecem no CDS não depende de continuarmos a pensar da mesma maneira e esta decisão não apaga o que fizemos juntos.

Deixo de ser militante do CDS. Continuo a ser democrata-cristão.

Lisboa, 3 de Novembro de 2026
Francisco Rodrigues dos Santos